

RESENHA

CAPRA, Fritjof. Holismo e saúde. In: _____. **O ponto de mutação** – a ciência, a sociedade e a cultura emergente. São Paulo: Cultrix, 1982. p.299-350.

Josefa Vieira de Lima¹

FRITJOF CAPRA obteve o seu doutorado em física, na Universidade de Viena, em 1966. Realizou pesquisas sobre física de alta energia em várias universidades da Europa e dos Estados Unidos. Além de seus muitos ensaios técnicos sobre suas pesquisas, tem feito muitas conferências e publicado vários trabalhos sobre as implicações filosóficas da ciência moderna. Atualmente, leciona na Universidade da Califórnia, em Berkeley. É autor de *O Tao da Física*, *O Ponto de Mutação* e Organizador de *Sabedoria Incomum*, obras traduzidas para o português.

No livro *O Ponto de Mutação*, Capra mostra como o pensamento da Física moderna prenuncia uma revolução iminente em todas as ciências e uma transformação da nossa visão de mundo e de valores. Neste sentido, o ensinamento científico conduziu a uma visão da realidade que se aproximou do pensamento dos místicos, tomando como ponto de partida as culturas tradicionais. Essa nova visão inclui novos conceitos desenvolvidos pela física subatômica, entre eles a abordagem holística de saúde.

O autor assinala que “Qualquer sistema de assistência à saúde, incluindo a medicina ocidental moderna, é um produto de sua história e existe dentro de um contexto ambiental e cultural.” (p. 299). Significa que homens e

mulheres não são vistos, predominantemente, como indivíduos, pois sua biografia e experiência pessoal, inclusive as doenças, são consideradas o resultado do fato de serem parte de um grupo social. Entretanto, essa concepção está vinculada às tradições xamanísticas do mundo ocidental. Diante de tais pressupostos, o autor indica que, como esse contexto varia continuamente, o sistema de assistência também muda, adaptando-se às sucessivas situações, sendo, ao mesmo tempo, modificado por novas influências econômicas, filosóficas e religiosas. Por isso, o sistema médico, como modelo, torna-se limitado para outra sociedade. Capra sugere que devemos fazer apenas estudos transculturais, já que são úteis para ampliar nossa perspectiva, além de nos auxiliar a ver sob nova luz as idéias atuais acerca da saúde e dos métodos de cura.

Do ponto de vista dos escritos hipocráticos, a saúde “[...] requer um estado de equilíbrio entre influências ambientais, modos de vida e os vários componentes da natureza humana [...] descritos em termos de ‘humores’ e ‘paixões’ que têm de estar em equilíbrio.” (p. 305).

Refere Capra que a doutrina hipocrática dos humores pode ser entendida em termos de equilíbrio químico e hormonal, enfatizando a importância das paixões à independência da mente e do corpo.

¹ Enfermeira, Docente do Departamento de Enfermagem da Universidade Estadual do Ceará (UECE); Coordenadora do Mestrado Profissional em Saúde da Criança e do Adolescente; Doutora em Enfermagem.

Quanto ao processo de cura, Hipócrates reconheceu as forças curativas inerentes aos organismos vivos – “poder curativo da natureza” –, passando o médico a desempenhar a função de ajudar essas forças naturais, mediante a criação de condições favoráveis à cura. Essa tradição hipocrática, com sua ênfase na interrelação corpo-mente e meio ambiente, representa o ápice da filosofia médica ocidental. Capra cita a paráfrase de Whitehead, escrita por Dubos: “a medicina moderna nada mais é do que uma série de comentários e elaborações sobre os escritos hipocráticos.” (p.306).

A visão de saúde “[...] como um estado de equilíbrio, a importância de influências ambientais, a interdependência da mente e do corpo e o poder curativo inerente à natureza – foram desenvolvidos na China antiga, num contexto cultural muito diferente.” (p.306). Entretanto, a medicina chinesa clássica tem suas raízes em tradições xamanísticas, moderada pelo taoísmo e pelo confucionismo, as duas principais escolas filosóficas do período clássico.

Para os chineses, o organismo humano é um microcosmo do universo; às suas partes são atribuídas qualidades *yin* e *yang*, determinando, assim, o lugar do indivíduo na grande ordem cósmica. Além disso, eles não estavam interessados em relações causais, mas nos modelos sincrônicos de coisas e eventos, designados de “pensamento correlativo”. O indivíduo e a sociedade saudáveis constituem partes integrantes de uma ordem padronizada, sendo que a doença e a desarmonia estão situadas no plano individual ou social.

Capra ressalta o fato de que, para inserir o modelo médico chinês no desenvolvimento de uma abordagem holística da saúde em nossa cultura, torna-se necessário distinguir duas espécies de holismo:

1. O ser humano é visto como um sistema vivo, cujos componentes são interligados e independentes. Essa aceção é considerada holística, pois os chineses acreditam que suas terapias não apenas eliminam os

principais sintomas da doença, como também afetam todo o organismo, reconhecendo-o como dinâmico;

2. O ser humano é parte integrante de sistemas maiores, fato que leva o autor a subentender que o organismo individual está em interação contínua com o seu meio ambiente físico e social, sendo constantemente afetado por ele, mas também pode agir sobre ele e modificá-lo.

Considera ainda que, nessa aceção, o sistema chinês só é holístico na teoria. A interdependência de organismo e meio ambiente é reconhecida no diagnóstico da doença e é discutida extensamente nos escritos de clássicos, mas geralmente negligenciada no tocante à terapia. Nesse sentido, o autor dessa obra faz uma crítica quanto à prática médica, apontando a idéia de que os médicos, quando formulam seu diagnóstico, levam muito tempo conversando com os pacientes, suas condições de trabalho, sua família e seus estados emocionais, porém, quando vão efetuar a terapia, concentram-se em conselhos dietéticos, remédios, herbáceos e acupuntura, restringindo-se às técnicas de manipulação dos processos internos do corpo. A maioria dos médicos não inclui aspectos psicológicos e sociais da doença no plano terapêutico.

Capra enfatiza que, para realizar uma assistência à saúde baseada nas concepções holísticas e ecológicas, torna-se necessário estabelecer uma base conceitual comum para se abordar a saúde, tomando como pressuposto os paradigmas:

- . Saúde como um bem-estar que se estabelece quando o organismo funciona de uma certa maneira. Percebe-se que esse conceito torna-se reducionista e está extremamente relacionado com o paradigma cartesiano, que vê o homem como uma máquina;
- . Saúde como o fenômeno multidimensional, que envolve aspectos físicos, psicoló-

gicos e sociais, todos independentes. Nesta perspectiva, uma atitude positiva, um apoio social podem interferir em uma doença física, enquanto problemas emocionais ou isolamento podem contribuir para uma pessoa sentir-se doente, apesar de seu bom estado físico. Com efeito, o homem é visto de uma forma globalizada, interativa, sistêmica, baseando-se no raciocínio holístico e ecológico. Portanto, essa abordagem ainda não responde às necessidades do sujeito social, deixando de levar em conta os aspectos inerentes à sua própria historicidade e às estruturas sociais que interferem na qualidade de vida;

Saúde, na concepção sistêmica, é vista como “[...] uma experiência de bem-estar resultante de um equilíbrio dinâmico que envolve os aspectos físico e psicológico do organismo, assim como suas interações com o meio ambiente natural e social.” (p. 316). Nesta perspectiva, a doença é considerada como uma consequência de desequilíbrio e desarmonia, podendo ser vista como decorrente de uma falta de integração, particularmente a doença mental;

Saúde, para este autor e na concepção psicossomática, é caracterizada como possi-

bilidade de processos físicos serem mencionados pelos esforços mentais de uma pessoa. Todavia, o primeiro passo neste tipo de autocura será o reconhecimento, pelos pacientes, de que se eles se aperceberem, consciente ou inconscientemente, da origem e desenvolvimento de sua doença poderão ter parte na cura.

Essas concepções, sob a óptica de Fritjof Capra, são diretrizes que devem nortear a assistência à saúde para possibilitar o esboço de sólida base para uma abordagem que consistirá num sistema abrangente, efetivo e integrado de assistência preventiva, manutenção da saúde – uma questão individual e coletiva, estando ambas interligadas.

Por fim, há uma indicação muito clara de que incorporar a Enfermagem a essa estrutura holística de assistência à saúde significará expandir o que existe, pois já dispomos de um certo número de enfermeiros qualificados que não podem usar todo o seu potencial no sistema atual e estão prontos para prestar assistência dentro de uma abordagem multidimensional, holística e humanística. Para tanto, a mudança de paradigma na assistência à saúde envolverá a formulação de novos modelos conceituais, a criação de outras instituições e a implementação de uma renovada política.